

# Preparação para Guerra dos EUA com a China—2025–2032

MARTY J. REEP\*

## Introdução

Desde 2013, a China tem promovido a sua própria versão de destino manifesto por meio do desenvolvimento da Iniciativa do Cinturão e Rota.<sup>1</sup> Parte desse plano de longo prazo inclui a posse dos portos de embarque relevantes e cidades estratégicas do ponto de vista militar ao longo do Mar da China Meridional (SCS), o Mar da China Oriental (ECS), o Oceano Pacífico Sul, o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo.<sup>2</sup> Ademais, parte dessas iniciativas inclui o desenvolvimento de autoestradas, ferrovias e aeroportos ao longo do Sudeste Asiático (SE), Ásia Central, Oriente Médio e África.<sup>3</sup> Com a infraestrutura implementada, a China seria capaz de influenciar, controlar e/ou limitar o fluxo de mercadorias indo e vindo de mais da metade do mundo. Por meio dessas iniciativas, a China deixou claro que está trabalhando para se tornar a nação líder do mundo.<sup>4</sup>

Nas últimas décadas, a China vem fortalecendo as suas forças armadas, especificamente a sua Marinha e Guarda Costeira.<sup>5</sup> Durante os últimos vinte anos, ela tem investido fortemente na construção de uma rede de informações digitais para exploração cibernética e tem treinado milhares de especialistas cibernéticos para maximizar o alcance e aspectos de controle da Internet e da World Wide Web.<sup>6</sup> Com o advento da Internet, o acesso a dados em outros países passou a facilitar a habilidade de transferir digitalmente informações existentes. Enquanto o desenvolvimento e a transferência de informações tornaram-se mais rápidas e simples, estas também se tornaram mais vulneráveis para exploração de hackers chineses.<sup>7</sup>

À medida que esses cenários progredirem, todos os quatro aspectos de VICA (volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade) se aplicarão.<sup>8</sup> Isso significa que as ações da China e as reações dos EUA causarão a volatilidade e incerteza no Sudeste Asiático e no Sudoeste do Oceano Pacífico. Outras nações serão pegas no fogo cruzado. Algumas delas escolherão um lado, enquanto algumas poucas tentarão fazer amizade com ambos os principais agentes. De qualquer jeito, as tensões e lutas na região minariam a estabilidade que existia anteriormente. De maneira semelhante, uma enorme complexidade está envolvida em uma guerra e nos even-

\*Este artigo foi adaptado de sua publicação online original pelo Air University Journal of Indo-Pacific Affairs em janeiro de 2022.

tos que levam a uma guerra. Isso seria verdadeiro com os EUA e a China, especialmente por causa dos acordos comerciais que já existem entre as duas nações. Acrescente-se a isso alguns níveis de ambiguidade nos relacionamentos entre companhias, políticos e famílias nas duas nações, e isso cria uma tempestade perfeita e de longo alcance.

Alguns dos principais participantes e líderes que estariam envolvidos são o Presidente dos EUA (POTUS), o Embaixador dos EUA na China, o Secretário de Defesa, o Departamento de Defesa (DoD), o Departamento de Comércio, o Departamento de Estado, o Corpo da Paz, os empreiteiros de defesa e inúmeras ONGs (organizações não governamentais).<sup>9</sup> Além dos principais embaixadores e líderes dos EUA, os processos e políticas organizacionais relevantes para a discussão envolvem acordos comerciais, reforço militar, ocupação de terras estrangeiras, cooperação entre agências e logística internacional. Embora os EUA não possam supor que uma guerra *vai* acontecer, eles poderão antever que ela *poderá* acontecer – e preparar-se para vários cenários utilizando memória organizacional e a sua pujança de ser um sistema de aprendizagem.<sup>10</sup> A atualização dos Planos de Operações (OPLANs) seria a coisa certa a fazer, de modo a estar preparado para conflitos pendentes naquela região.

De 2013 a 2018, a China construiu recifes de coral e ilhas inabitadas no Mar da China Meridional – incluindo o recife Fiery Cross, o recife Woody, o recife Travessuras, e o recife Subi – e aumentou a sua massa terrestre em 3.200 acres por meio de recuperação e dragagem.<sup>11</sup> Imagens de satélite mostram claramente as alterações militares drásticas àquelas ilhas entre 2015 e 2018.<sup>12</sup> Em dezembro de 2020, a China alterou as suas leis marítimas e colocou a Guarda Costeira sob o controle direto da Marinha – a primeira vez para eles.<sup>13</sup> Dois meses mais tarde, em fevereiro de 2021, a China atualizou a sua legislação marítima e deu à sua Guarda Costeira a autoridade de atirar em embarcações estrangeiras que ela considerasse representar um perigo para o território chinês.<sup>14</sup>

## **Análise**

Para lidar com a situação no Mar da China Meridional e no Mar da China Oriental, a Força Aérea dos EUA precisará repriorizar ativos de locais atuais de missão para áreas próximas da China. Ativos repriorizados incluem aeronaves, equipamentos, materiais, financiamentos e pessoal. Todo o pessoal que se mudar para a região precisará de habitação. Os fundos da MilCon (Construção Militar) poderão precisar ser cortados de novos projetos em CONUS (Estados Unidos Continentais) e/ou OCONUS (Fora dos Estados Unidos Continentais) para financiar a formação de bases e instalações temporárias em nações parceiras ao

redor da China. As limitações de recursos para os EUA teriam de apoiar os esforços de guerra a 6.000 milhas do continente dos EUA.

Com relação à competência transcultural, ajudar os aviadores a adquirirem uma compreensão melhor da cultura, história, perspectiva e planos globais futuros da China resultará em frutos. Com esse conhecimento, os aviadores serão capazes de tomar decisões melhores quando os cenários do mundo real tiverem alcançado o processo de planejamento que a Força Aérea dos EUA terá percorrido, nesse ponto futuro no tempo. As informações culturais e conscientização poderão ser comunicadas e treinadas por meio de reuniões de instrução, aulas, apresentações on-line, vídeos, interpretação de papéis e encenação de cenários. Além do aumento individual de conhecimento, a colaboração entre agências sobre detalhes relacionados a locais de missão ajudará a cada uma das agências e dos serviços a entenderem as regras de engajamento, expectativas, papéis e responsabilidades. Ao comunicar de imediato e compartilhar o que cada agência entende acerca do inimigo, todas as partes envolvidas dos EUA estarão em melhor situação.

Igualmente, as comunicações e negociações com os participantes serão vitais para o sucesso. Em um sentido prático e tangível, a Força Aérea dos EUA precisa continuar mantendo as redes cibernéticas, torres de transmissão e radares de comunicação via satélite para garantir comunicações seguras e completas entre comandantes da linha de frente e quartéis gerais superiores (HHQ). A conversa cruzada com participantes (ou seja, nações parceiras) no Sudeste Asiático e dentro do governo dos EUA ajudará durante o Processo de Planejamento Conjunto (JPP).<sup>15</sup>

As alterações da política que a Força Aérea dos EUA precisará promulgar são aquelas que dizem respeito a viagens de ida e volta para a região. Não é coincidência que os EUA começaram a reduzir sua presença no Oriente Médio, à medida que crescem as preocupações com o aumento de poder da China no mundo. A luz da realidade tem iluminado as mentes de alguns tomadores de decisão, no sentido de que eles perceberam que seria difícil, no futuro, manter duas guerras em diferentes partes do globo ao mesmo tempo. Sim, os EUA fizeram isso durante a Segunda Guerra Mundial contra o Japão e a Alemanha, mas isso foi extremamente dispendioso em termos de pessoal, equipamentos, logística e financiamento.

Outros fatores para consideração são áreas que podem ser inovadas: missões, organizações e processos. À medida que a China expande sua pujança no Mar da China Meridional e no Mar da China Oriental, ela está criando uma barreira e uma zona tampão entre ela e o mundo externo. Para ajudar a conter a expansão da China e exploração de seus países vizinhos, a Força Aérea dos EUA precisará estacionar mais aeronaves e capacidades cibernéticas na região do Sudeste Asiático. Essa medida permitirá que a Força Aérea monitore as atividades militares chine-

sas, bem como reagirá a quaisquer atos de agressão que exibam até e durante os anos de 2025 a 2032. Além de monitorar e reagir com aeronaves, a Força Espacial dos EUA (USSF) precisará instalar mais satélites para monitorar atividades e defender o acesso dos EUA às suas próprias redes de satélite, incluindo Satélites de Posicionamento Global (GPS), MilSTAR, DSCS e SBIRS.<sup>16</sup>

Em termos políticos, os EUA e a Força Aérea dos EUA precisarão estabelecer e manter laços sólidos com países vistos como tendo não somente locais geográficos estratégicos, mas que também possam ficar presos no fogo cruzado. Esse tipo de mudança não acontecerá por si. Os tomadores de decisão terão que mudar a mão de obra, materiais, equipamentos e financiamento das linhas de esforço atuais para inquietações futuras da China.

Olhando para os mesmos padrões que se tornaram aparentes ao autor treze anos atrás, a Força Aérea dos Estados Unidos pode prever os próximos passos da China e sair na frente deles. Ignorar a ameaça de longo prazo não servirá aos ideais de sustentabilidade dos EUA. Igualmente, a Força Aérea dos Estados Unidos precisa fazer mais do que simplesmente reconhecer a ameaça. Ela precisa dar passos conscientes e pró-ativos para ajudar a manter um equilíbrio saudável naquela região, porque os EUA não são o único país que será afetado pelas tentativas da China de se expandir em nível internacional.

As áreas para desenvolvimento de liderança dentro da Força Aérea dos Estados Unidos, conforme relacionadas a esta questão estratégica, são amplas. Haveria muitas oportunidades para crescimento profissional e de liderança dentro dos esforços necessários para realizar um resultado bem-sucedido. Todos os aviadores, variando em hierarquia e experiência do Aviador Básico (AB) até Oficial Geral teriam oportunidades amplas de desenvolver seu autoconhecimento, visão estratégica e habilidade de representar organizações à medida que crescem como líderes.<sup>17</sup> Igualmente, unidades, esquadrões, grupos e asas teriam muitas chances de desenvolver coesão de equipe e unir esforços para realizar cada uma das missões das suas equipes.

Dentre os vários aspectos da preparação e execução bem-sucedidas de uma guerra, a Força Aérea dos Estados Unidos precisa continuamente pesar os planos contra considerações éticas.<sup>18</sup> Isso significa que, embora a Força Aérea dos Estados Unidos estivesse em guerra com um exército oponente e um governo oponente, ela deve se lembrar que ainda representa os Valores Fundamentais de 1) Integridade em primeiro lugar, 2) Serviço Antes do Ego e 3) Excelência em Tudo o que Fazemos.<sup>19</sup> Só porque ela estaria em guerra com pessoas oponentes isso não a isenta da responsabilidade de se comportar com os padrões éticos esperados das forças armadas dos EUA.

## Implementação

O curso de ação que a Força Aérea dos EUA precisa tomar para lidar com essa questão é o seguinte: 1) aumentar a presença de aeronaves no Mar da China Meridional e no Mar da China Oriental, 2) conduzir exercícios de treinamento conjuntos com aliados e nações parceiras naquela região: Japão, Taiwan, Filipinas, Coreia do Sul, Austrália, Vanuatu, Tailândia, Cingapura e Palau, 3) continuar desenvolvendo uma presença diplomática forte na região, 4) assistir aliados e nações parceiras a melhorar sua infraestrutura cibernética e sistemas de comunicação de informações, e 5) aumentar a vigilância de satélites da China e do exército chinês.

Primeiramente, ao aumentar o número de aeronaves (asa fixa e rotativa) nas regiões leste e sudeste do Pacífico, a Força Aérea dos EUA tem chance melhor de vencer uma guerra contra a China do que se o número dos ativos da Força Aérea dos EUA na região permanecer baixo. Organizá-las em bases localizadas em territórios de nações parceiras no Sudeste Asiático e Sudoeste do Oceano Pacífico seria melhor para a Força Aérea dos EUA do que ter que continuamente enviar aeronaves do continente norte-americano durante a guerra.

Em segundo lugar, a condução de exercícios de treinamento conjunto com aliados e nações parceiras na região, mostrará a China que os EUA têm a resolução de persistir no possível conflito até um final exitoso. Exercícios de treinamento conjunto não apenas proporcionam exposição atualizada de elementos atuais de guerra para soldados e aviadores inexperientes; eles também proporcionam treinamento de reciclagem para veteranos experientes no contexto da luta emergente.

Em terceiro lugar, continuar a desenvolver uma presença diplomática forte na região irá ajudar a garantir que a Força Aérea dos EUA tenha acesso às massas territoriais de importância geográfica quando chegar a hora de posicionar ativos de aeronaves na região. O reabastecimento também é uma grande consideração para conduzir a guerra nos territórios estrangeiros e além do mar aberto.

Em quarto lugar, para ações relacionadas a sistemas cibernéticos, a exploração dos sistemas do inimigo e a proteção de seu próprio sistema é fundamental para o controle do espaço de batalha digital e todos os sistemas bélicos que dependem do bom funcionamento das funcionalidades da Internet. Igualmente, a Força Aérea dos EUA precisará ajudar a proteger as redes de comunicações de informações das nações anfitriãs. Além das redes cibernéticas, os sistemas de comunicação constituem o sangue vital para fazer com que os líderes seniores e os tomadores de decisão sejam capazes de agilizar a condição do campo de batalha e as movimentações das tropas.

Em quinto lugar, a Força Aérea dos EUA precisará trabalhar com a USSF para aumentar a vigilância de satélite na China e no exército chinês. A fidelidade nos

detalhes de suas ações permitirá que os planejadores e tomadores de decisão da Força Aérea dos EUA estejam à frente do inimigo. Ser capaz de prever o que o exército chinês vai fazer a seguir irá inclinar a balança da vitória de volta para os EUA.

Em suma, os EUA precisam se preparar para uma possível guerra com a China — entre 2025 e 2032. Alguns líderes poderão optar por ignorar os sinais dos intentos da China de alterar o equilíbrio de poder do mundo. Todavia, isso não elimina o comportamento agressivo no Mar da China Meridional e no Mar da China Oriental, nos últimos 5 a 10 anos. Igualmente, a Força Aérea dos EUA tem monitorado as atividades da China naquela região e em outras regiões, assim ela está bem ciente das intenções e desejos da China. A estrada para a guerra pode ser longa, e o rufar dos tambores atualmente poderão soar bem distantes, todavia eles estão batendo firmemente. Com base nesse cenário e análise, a Força Aérea dos EUA tem a capacidade de implementar as preparações necessárias. Os sucessos futuros dependem de sua disposição de fazê-lo. □

## Notas

1. “Belt and Road Initiative,” *Belt and Road Initiative*, accessed 06 April 2021. <https://www.beltroad-initiative.com/info/>.
2. Roland Rajah, Alexandre Dayant and Jonathan Pryke, “Ocean of debt? Belt and Road and debt diplomacy in the Pacific,” *Lowy Institute*, 21 October 2019, accessed 4 April 2021, <https://www.lowyinstitute.org/publications/ocean-debt-belt-and-road-and-debt-diplomacy-pacific>.
3. Ibid.
4. Frederick Kempe, “China is Making a Global Power Play, and the US Response is Coming up Short,” *CNBC*, 27 April 2019, accessed 4 April 2021, <https://www.cnbc.com/2019/04/26/china-is-making-a-global-power-play-and-the-us-response-is-coming-up-short.html+%&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=us&client=firefox-b-1-d>.
5. Christian Bedford, “The View from the West: Chinese Naval Power in the 21st Century,” *Canadian Naval Review*, Vol. 5 No. 2, (Summer 2009), 1-2, <http://www.navalreview.ca/wp-content/uploads/public/vol5num2/vol5num2art8.pdf>.
6. Meredith Roaten, “Mumbai Incident Spotlights China’s Cyber Capabilities,” *National Defense*, 03 March 2021, accessed 06 April 2021, <https://www.nationaldefensemagazine.org/articles/2021/3/3/mumbai-incident-spotlights-chinas-cyber-capabilities>.
7. Ryan Lucas, “Chinese Hackers Charged In Alleged Cyber-Theft Of 145 Million Americans’ Data,” *NPR*, 10 February 2020, accessed 6 April 2021, <https://www.npr.org/2020/02/10/80450199{1}/chinese-hackers-charged-in-alleged-cyber-theft-of-145-million-americans-data>.
8. Stephen J. Gerras, ed., *Strategic Leadership Primer* 3rd ed. (Carlisle, PA: US Army War College, 2010), 1.
9. Leonard J. Marcus, Barry C. Dorn, and Joseph M. Henderson, “Meta-Leadership and National Emergency Preparedness: A Model to Build Government Connectivity,” *Biosecurity and Bioterrorism: Biodefense Strategy, Practice, and Science* 4 No. 2, 128, 132.

10. *Strategic Leadership and Decision Making* (Washington, DC: National Defense University, n.d.), 5–8.
11. Luis Martinez, “Why the U.S. Navy sails past disputed artificial islands claimed by China,” *ABC News*, 6 May 2019, accessed 6 April 2021, <https://abcnews.go.com/Politics/us-navy-sails-past-disputed-artificial-islands-claimed/story?id=60993256>.
12. Ibid.
13. Kawashima Shin, “China’s Worrying New Coast Guard Law,” *The Diplomat*, 17 March 2021, accessed 06 April 2021, <https://thediplomat.com/2021/03/chinas-worrying-new-coast-guard-law/>.
14. Ibid.
15. Joint Chiefs of Staff, “Joint Publication 5-0,” *Joint Planning*, 16 June 2017, V-4.
16. *Military Space Operations: Common Problems and Their Effects on Satellite and Related Acquisitions*, GAO-03-825R (Washington, DC: United States General Accounting Office, 2 June 2003), <https://www.govinfo.gov/>.
17. Craig Bullis, “The NFP Strategic Leader,” *Parameters* 39, no. 4, 33-34.
18. Martin L. Cook, *The Moral Warrior: Ethics and Service in the US Military* (Albany, NY: State University of New York Press, 2004), 81, 84.
19. US Air Force, “Core Values,” 2021, <https://www.airforce.com/>.



**Marty Reep**

O Sr. Reep gerencia o treinamento de Operações Especiais no Pope Army Airfield, Carolina do Norte. Em fevereiro de 2019, ele publicou uma previsão da queda pendente do produto interno bruto dos EUA, um ano antes de ocorrer em fevereiro de 2020. Ele concluiu o Air War College em 2021.